



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

RELIGIÃO E SECULARIZAÇÃO EM MARX: UMA ANÁLISE COM BASE NAS CONDIÇÕES MATERIAIS DE EXISTÊNCIA

Antonia Juliete Pereira Pinto¹; Renato Almeida de Oliveira²

¹Mestrado em Filosofia, CENFLE, UVA; E-mail: julietepereira19@outlook.com,

²Docente/pesquisador do Departamento de Filosofia, CENFLE, UVA. E-mail: renatofilosofosds@yahoo.com.br.

Resumo: A pesquisa objetivou investigar os temas secularização e religião à luz do pensamento de Karl Marx com base na análise sobre as condições materiais de existência. Nesse sentido, apresentou-se a relação de Marx com a temática da secularização para entendermos sua análise sobre a religião e sua persistência nesse mundo secular. A religião não é um fenômeno abstrato, mas social, um reflexo da sociedade. Assim, primou-se por desvelar, que a sobrevivência sagrada pode ser explicada pela limitação do Estado, que fragmenta o homem e o estranha de si mesmo. Marx mostrou uma reatualização das ideias de secularização quando apresentou que a persistência da religião não está contraposta a esse processo, mas sua presença expressa como a sociedade moderna se estrutura. Portanto, não se trata, em Marx, de uma simples investigação abstrata do mundo, e, sim, uma crítica às contradições da sociedade burguesa, onde se encontra a base material da religião.

Palavras-chave: Secularização. Religião. Modernidade. Estado burguês. Capitalismo.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

A pesquisa objetiva investigar os temas de secularização e religião à luz da filosofia de Marx sobre a análise das condições materiais de existência da sociedade moderna, em obras como a *Crítica da filosofia do direito de Hegel - Introdução*, *Sobre a questão judaica* e *A Ideologia alemã*. Nas análises empreendidas prima-se por desvelar, a relação da filosofia de Marx com a secularização moderna e como as ideias advindas do processo de secularização influenciaram sua visão sobre a religião e o seu entendimento da persistência da mesma na sociedade secular. Por isso, como pensar a religião no mundo secular? O que faz com que a religião seja buscada e almejada? Como a crítica marxiana nos permite pensar sobre o que torna a religião persistente mesmo com o processo de secularização?

As discussões levantadas remetem analisar que, na filosofia marxiana, o fenômeno religioso só pode ser compreendido a partir das condições materiais de existência. Essas condições concretas é a própria sociedade secular, sua estrutura econômica e política com seus limites, o que criam as condições para o vigor das religiões. Para Marx, a persistência da religião na sociedade moderna é explicada por meio da permanência de determinadas estruturas materiais burguesas, de um ordenamento político e econômico capitalista. Uma vez que o mundo social ainda está permeado pela desigualdade, o estranhamento e a fragmentação; uma realidade onde é preferível a valorização do mundo das coisas, a propriedade privada, o interesse particular, do que propriamente o cuidado com a natureza e a humanidade.



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Marx tem muito a dizer sobre a realidade e o desenvolvimento do capitalismo, pois, na sua compreensão, a busca pela religião também pode se remeter a um desejo social, profundamente relacionado com a vida do indivíduo em sociedade. De acordo com as considerações marxianas, o ser social produz sua consciência, e não o contrário. São as suas relações que o define.

MATERIAL E MÉTODOS

Em termos metodológicos, a presente pesquisa foi desenvolvida mediante uma abordagem qualitativa, procurando descrever a complexidade do problema levantado, analisando a interação de diversas variáveis e compreendendo os processos dinâmicos implicados no objeto elegido. Tratou-se, ainda, de uma pesquisa bibliográfica efetivada com base na literatura definida nas referências bibliográficas, tendo como perspectiva articular os textos referidos para fazer uma análise mais aprofundada sobre o objeto da pesquisa: secularização e religião em Marx.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de Marx sobre a sociedade civil moderna demonstra que o processo de secularização no Ocidente não se realiza em contraposição com o fenômeno religioso. Na verdade, a religião sempre esteve presente na sociedade, apenas se transforma e reatualiza no mundo, adaptando-se as novas estruturas que a secularização traz para a vida. O remanejamento da Igreja Cristã para o campo privado não deixa de ser um movimento próprio da configuração da sociedade burguesa, que se resulta desse processo secular.

No entanto, a persistência da religião na sociedade revela algo a mais que um fenômeno que se adapta as mudanças da história. Com base no pensamento de Marx, percebemos que a vivacidade religiosa se explica através da própria estrutura de produção material dos indivíduos, por meio da limitação política da burguesia. A religião é a denúncia do precário mundo burguês, que se instalou com o desenvolvimento da secularização. Enquanto uma denúncia de que a realidade burguesa faz o homem permanecer em uma vida estranhada e desumana.

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acorçado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o estado, a sociedade. Esse estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido (MARX, 2013, p. 151).

Ao compreender a organização social e política da sociedade, sua forma de produção econômica burguesa, e o modo como isso tem relação com a vivacidade religiosa, Marx acaba tendo uma posição mais efetiva do mundo moderno em comparação aos contemporâneos da sua época, por exemplo, em relação a Bruno Bauer que não focou em analisar o Estado laico, apenas sua relação com a religião, ou mesmo em relação a Feuerbach, que delimitou em entender apenas as questões internas da religião, sem observar a sua base material. Isso possibilitou em Marx, que partisse ao estudo no âmbito da produção e reprodução material dos homens na história, a contradição burguesa do Estado, que apenas promove direitos para o capitalismo em detrimento da humanidade, e com isso entender porque a religião é tão presente na vida humana.



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Marx considera (2013) que a religião é o “suspiro dos oprimidos”, a alma das situações sem alma”. Assim, o fenômeno religioso não pode ser desassociado da sua base material em que produz a vida humana, porque ela está umbilicalmente ligada nas relações sociais de produção. A religião é uma “consciência invertida de um mundo invertido”, o reflexo das contradições do sistema econômico burguês, que se promove pela “exploração do homem pelo homem”. Nesse sentido, a crítica da religião deve ponderar sobre a crítica da desumanização no mundo real, o seu efeito de estranhamento sobre as bases sociais e políticas dos indivíduos.

É diante disso, a análise de Marx em entender a vida material, a base concreta da religião e procurar a verdadeira emancipação, que mostra sua assimilação com a secularização e sua contribuição para com esse processo. O filósofo empreende uma perspectiva nova para pensar os preceitos seculares, isso quando entende que a organização da realidade, sobretudo a religião, pode ser compreendida pelas condições materiais de existência.

Discutir, em Marx, a sua aproximação com a secularização, para entender o que faz da religião um fenômeno presente na vida, nos permite compreender que tais discussões só podem ser interpretadas por meio da análise da base material, que o sagrado se fundamenta. É pela discussão da economia política que encontramos a explicação da história humana e suas dimensões. É a ordem do capital, o elemento estrutural no qual se entende a compreensão da vivacidade religiosa, “[...] pois a estrutura conceitual geral de explicação tinha de ser totalmente inteligível sobre a base das práticas em curso da reprodução societal nas quais os seres humanos particulares estavam constantemente envolvidos em sua vida cotidiana” (MÈSZÁROS, 2011, p. 12).

É desvelando a função estranhada do capitalismo, é partindo da análise sobre a produção material, da explicação sobre a realidade estranhada do homem, que compreendemos o que levam as pessoas buscarem a religião como refúgio e alento. Contudo, a sociedade burguesa apenas se estrutura em uma política que estranha o indivíduo, que não se interessa em conduzi-lo para a busca da real emancipação, mas apenas existe para conservar o direito da burguesia, em manter um sistema capitalista que explora e individualiza o homem.

Além disso, um sistema burguês que utiliza também do discurso religioso para manter os indivíduos estranhados, à mercê da ordem do capitalismo. Esta instrumentaliza a religião como forma de difusão do povo, porque dessa forma consegue dominar a consciência de muitos. Uma dessas instrumentalizações está na forma como a burguesia impõe uma imagem sagrada para o sistema capitalista, colocando como algo regido por leis naturais; como ainda utiliza do discurso sagrado para justificar a si mesma, procurando ocultar as suas contradições, e buscando legitimar seus esquemas de dominação; descrevendo que seus interesses egoístas são universais, como os de liberdade política, democracia etc. É dessa forma que a religião aparece, para Marx, como um reflexo da realidade, mas, ao mesmo tempo, como uma denúncia dela. O que mostra sua concepção secularizada de religião, enquanto uma questão social, que se revela como fenômeno mesclado com a política moderna.

A permanência da religião é a manifestação da insuficiência da emancipação política, ou seja, a religião é uma expressão do estranhamento político, do qual se resultou. O Estado moderno, por sua vez, é apenas um reflexo imaginário da sociedade civil, tendo em vista que seus ideais políticos de liberdade individual e igualdade de direitos não se efetivaram. O homem moderno busca, na religião, o contentamento das suas carências, porque nem o Estado e nem o ordenamento social podem remedia-las. Para Marx (2010a, p. 38): é a natureza da sociedade e



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

do Estado a razão da persistência religiosa na sociedade. Se o indivíduo estranha sua consciência na religião e se esta existe vigorosamente na sociedade, é devido o Estado não ser verdadeiramente um Estado, e como tal não pode se realizar como instância promotora da liberdade humana.

Portanto, Marx põe uma reflexão importante em relação a persistência da religião na sociedade, tanto em uma esfera pública, quanto privada, ou seja, é a própria insuficiência política que torna a religião uma necessidade. Com isso, pôde-se descobrir que o segredo recôndito do vigor religioso só poderia ser entendido a partir das condições materiais de existência. Tais condições são explicadas pelo trabalho e as relações de produção dos homens, onde no sistema capitalista essas condições materiais se encontram estranhadas, fazendo o indivíduo não se reconhecer como construtor dos seus produtos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença vigorosa da religião se explica pela limitação do Estado burguês, que traz apenas uma liberdade formal e não concreta, e pelo contexto da exploração humana pelo capitalismo. Marx, em suas discussões sobre a sociedade moderna, traz elementos que nos permitem analisar a religião enquanto um fenômeno presente na sociedade e como essa presença não está contraposta com o fenômeno da secularização na história moderna. Para o filósofo, a religião não se contrapõe à secularização, ela faz parte da sociedade, mostrando-se como uma expressão e, ao mesmo tempo, uma denúncia da estrutura da sociedade civil burguesa, que resultou do processo de secularização. A religião é o ópio do povo, mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser um grito de revolta contra uma sociedade excludente (MARX, 2013).

Marx põe uma questão primordial a ser discutida, a saber: sobre a base material da religião, ou seja, o fundamento do sentimento religioso para o homem moderno se encontra nas condições materiais de existências que estão estabelecidas pelo capitalismo, que conduz os trabalhadores através do estranhamento a permanecerem sujeitos a uma vida hostil e degradante. A fundamentação do sentimento religioso, na filosofia marxiana, tem uma explicação não divina, mas material. Se o sagrado permanece vigoroso na sociedade é porque a humanidade está perdida no mundo, vivenciando uma vida condicionada pela miséria, fragmentada e opressora. A base material da religião não origina de si mesma, mas da própria organização do Estado burguês.

Portanto, a pesquisa busca contribuir com o debate acadêmico, trazendo novos elementos que possam auxiliar a pensar sobre o fenômeno religioso e a secularização com base no pensamento de Marx. Tais estudos marxianos podem contribuir para uma leitura da nossa realidade, como pensar a presença da religião hoje em um mundo pretensamente secular, pois temas como religião, secularização e emancipação devem ser retomados e revisados sempre o que, em certa medida, ultrapassam os horizontes da leitura que Marx nos legou. Enfim, a filosofia marxiana foi capaz de se prolongar sobre os mais variados processos históricos, suas discussões sobre a realidade material moderna desvelam elementos (estranhamento, fragmentação, exploração) antes não detectados na vida, que sujeitam o ser humano a continuar a viver as mesmas condições na contemporaneidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Mestrado Acadêmico em Filosofia da UVA e a FUNCAP.



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REFERÊNCIAS

MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência II**: a dialética da estrutura e da história. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Escritos de Juventud**. Traducción Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2010b.